TEIXEIRA DE PASCOAES

SONETOS

LISBOA

MCMXXV

SONETOS

TEIXEIRA DE PASCOAES

SONETOS

LISBOA

MCMXXV

POETA

QUANDO a primeira lagrima aflorou
Nos meus olhos, divina claridade
O lirio, a pedra, a nevoa alumiou
Duma remota e vaga humanidade.

Humildes, pobres cousas, como eu sou
A luz da vossa triste escuridade...
Sou, em futuro, o tempo que passou;
Em mim, o antigo tempo é nova edade.

Sou a bruma do Tamega apagando
As figuras e as almas revelando,
Erguendo vultos de anjo em alta serra...

Sou o homem de si mesmo fugitivo;
Phantasma a delirar, mistério vivo,
A Saudade falando à sua terra.

Á MINHA MUSA

SENHORA da Manhã victoriosa
E tambem do Crepusculo vencido!
Ó Senhora da Noite misteriosa,
Por quem ando nas trevas confundido.

Minha doce mulher religiosa.
Ó dôr e amor! Ó sol e luar dorido!
Corpo que é alma escrava e dolorosa,
Alma que é corpo livre e redimido.

Mulher perfeita em sonho e realidade;
Aparição divina da saudade...
Ó Eva toda em flor, e deslumbrada!

Casamento da lagrima e do riso;
O ceu e a terra, o inferno e o paraiso;
Beijo rezado e oração beijada...

UM DOS MÈUS DIAS

DIA triste de inverno. Que amargura
A desta claridade fria e baça!
Aos meus olhos as cousas desfigura;
Não há linha gentil que não desfaça.

O meigo azul do ceu ela tortura
E a côr lilaz dos montes ameaça;
Desbota o mimo tenro da verdura
E a cada flor lhe despe a etérea graça.

Êrmo poeta de genio, o doido vento
Vai recitando versos desvairados
De estranha dor e ignoto sentimento,

Ás arvores da terra, aos escarpados
Rochedos que fantástico tormento
Pelos montes deixou petrificados.

UMA VOZ

Eu ouço misteriosa voz cantar
Na noite que me beija o coração,
E tem um riso morto de luar
Para a nocturna e triste solidão.

Eu ouço-te, afogado em comoção,
Quási nevoa, turbando o azul do ar.
Que sobrenatural recordação
Desejas tu, em mim, resuscitar?

Misteriosa voz desconhecida,
Nos meus ouvidos sempre murmurosa,
Dos meus ouvidos sempre incompreendida.

Essencia dos meus versos dolorosa,
Na minha própria alma adormecida,
Mas cantando, desperta, em cada cousa.

A INCONSTANCIA

COMO hoje é odio o que hontem foi amor!
Como é tão frágil tudo quanto existe!
A alegria, nascendo, põe-se triste,
Tombando a luz se perde em negra côr.

Que é feito, coração, do que sentiste?
Será dor, por acaso, a tua dor?
A creatura, a terra, o sol, a flor,
São espectros dum sêr que não existe.

No silencio do mundo, eu choro e grito.
Sou a injuria do pó que o vento leva,
Contra tudo o que Deus fez infinito.

De luto, a noite veste a imensidade:
É negra maldição que vem da treva
Contra ti, sempitérna claridade.

A UMA FONTE QUE SECOU

COM teus brandos murmurios embalaste
Os minutos dos meus primeiros dias,
E pelos teus gemidos os contaste;
Eu era então feliz e tu sofrias.

As minhas velhas arvores regaste,
O meu jardim ao sol reverdecias...
Quando teu frio pranto derramaste,
Como a dor que hoje sofro, entenderias!

Mas, ai, tudo mudou! Sêca estiagem
Bebeu, a arder em febre, as tuas aguas;
Versos de agua cantando a minha imagem...

Raios de sol que as fontes evaporam,
Levando para Deus as suas maguas,
Secai também os olhos dos que choram!

SAUDADE

TARDES de outubro feitas dos meus ais,
Só vós os mortos podereis amar!
Só vós as suas campas enfeitais,
Ventos do outomno que ides a chorar!

Tardes de outubro! Ó ermos pinheirais,
Com solitários môchos a cantar!
Dáo as Trindades. Fecham-se os casais.
Que tristeza, meu Deus! Nasce o luar...

Não sei que simpatia dolorosa,
Que indefinido amor escuro e triste,
Me prende, cá por dentro, a cada cousa...

Nesta profunda e viva intimidade
Que entre meu sêr e minha terra existe,
Irei cantando o canto da Saudade...

A ALMA E AS COUSAS

COUSAS fraternas! Solitarias cousas!
Monumentos esfingicos da Dor,
Atravez minhas lagrimas saudosas
Lembrais o corpo morto do Senhor...

Cousas fraternas! Solitarias cousas!
Sou vosso obscuro e humano redentor.
Nuvens, rochedos, fontes murmurosas,
Eu sou, na vossa noite, a luz do amor.

Em mim, o luar é sonho que alvorece;
Em mim, a fria terra é sentimento
E, nos meus versos, chora a voz do vento.

Vós sois os labios, mas eu sou a prece.
Sois quieta, branda sombra adormecida;
Sou luz febril, relâmpago de vida!

A UM PINHEIRO

SCISMATICO pinheiro desolado,
O que é que sentes? Dize. Que saudade?
Já que és da primavera abandonado,
Eterna deve ser nossa amizade!

Ó moribundo! Ó ermo! Ó fulminado
Pelos raios! A negra tempestade
Cingiu-te num abraço desvairado
De tôrvo fumo e rubra claridade!

És um morto, de pé, sobre um calvário,
Onde as aves da noite e do terror
Erguem seu negro canto solitario.

Em ti, o louco vento anda a gemer,
Em ti, se pinta a magua do sol-pôr,
É tua sombra a imagem do meu sêr.

ABISMOS

SOBRE abismos sem fim vou caminhando;
Abismos de alma onde ninguem desceu...
E que vertigens sempre sinto, quando
Me inclino sobre a luz que amanheceu!

Rosa, cheia de sol, desabrochando,
Teu mistico perfil que me empeceu,
A prece nos meus labios murmurando
Tem alturas mais altas do que o ceu.

Sobre abismos caminho, noite e dia...
Das suas negras trevas irradia
Uma outra escuridão ainda maior

Que a mim me diz, nas horas em que scismo,
Que é um abismo junto de outro abismo,
Meu coração ao pé do seu amor.

TRANSFIGURAÇÃO

NA mistica tristeza da Saudade,
Sobre a minha janela debruçado,
Vejo as arvores e os campos desta herdade,
Onde outrora vivi tão descuidado!

Não sei que sombra misteriosa invade
Os meus olhos perdidos no Passado!
Declina a minha triste mocidade
E sou como um fantasma desolado.

Já não é este o mundo que alumia
O sol que d'antes sobre mim brilhava!
Nas cousas paira uma melancolia...

Este arvoredo tem um outro ar...
E em toda aquela dor que me falava,
Há outra voz que eu nunca ouvi falar...

AO SOL-POR

EU canto no crepusculo... A tristeza
Recorda-me longinqua aspiração,
Na qual presinto a imagem da Beleza
Que meus olhos, um dia, alcançarão.

A paizagem na sombra sonha e reza;
Seu vulto é de fantastica Visão.
Dir-se-ha que a bruta e escura Natureza
Tem lagrimas a arder no coração.

Eu rezo a minha magua, e vou cantando...
E vou, saudoso e palido, ficando
Mais distante de mim, mais para além...

Nesta melancolia, que é chorar
Sem lagrimas, eu vivo a meditar
No que me prende... a terra, o ceu, alguem?

AMOR

PARA que foi, Senhor, que ao mundo vim,
Se eu hei de, nesta vida, amar sómente
A mais sequinha flor do meu jardim
E o bailado das sombras no poente?

Eu amo a noite tragica, sem fim;
Ha rochas que eu adoro intimamente.
Ó nuvens, vós sois tudo para mim,
Simples nuvens que sois p'ra toda a gente!

Tambem te adoro, ó sombra da Amargura!
E tu, mulher, ainda me não viste,
A mim — misterio que por ti murmura...

Adivinho-te em tudo quanto existe;
És a saudade, o amor, a desventura,
És tudo o que me vai fazendo triste...

AO MEU CORAÇÃO

NESTA loucura aflita do sentir
Vive sempre meu pobre coração.
Se deseja ficar, tem de partir;
Quer ser de pedra e é todo comoção.

Quantas vezes, te encontro a rir, a rir!
Quantas vezes, te vejo na aflição
Do vento, agreste e doido, a repetir
Os ais que espalha o luar na solidão.

Junto d'Ela tu sentes a tristeza
Em que a soturna e fria Natureza
As suas êrmas formas modelou.

Ó loucura cruel do Sentimento,
Meu coração, entregue ao seu tormento,
Só ama o que ha de vir e o que passou.

ETERNIDADE

EM tudo o que julgamos ser mentira,
Existe a mais perfeita realidade.
No etéreo som que exala etérea lira
Ouve-se a voz oculta da verdade.

Na forma acêsa e viva que delira,
Num astro, numa flor, numa saudade,
Naquele infindo sonho que me inspira,
Transluz inextinguivel claridade.

Por mais fragil que aos olhos nos pareça
Luz que alumie, sombra que escureça,
Canção amavel, côr cheia de graça;

Não ha visão chimerica, ilusoria,
Nem ha vida que seja transitoria,
Nem sonho, nem amor que se desfaça!

NOSSA SENHORA DOS MILAGRES

SENHORA dos Milagres, um romeiro
De pés descalços, de cabeça ao vento,
Quer entregar-te o coração inteiro
De crença, mas partido de tormento.

D'antes, quando era vivo o sentimento,
Creou-se a tua lenda, neste outeiro.
Andavas, cá por fóra, ao sol e ao vento
E encontravam-te o pobre e o pegureiro.

Venho entregar-te agora o coração,
Velhinha imagem sobre um velho altar,
Cóm duas flores: silencio e solidão.

E quando um passarinho em ti pousar,
Ele que o leve pelo ceu, então;
Que, aonde o vento o leve, o vá levar...

A MINHA VIDA

NA minha aldeia vive recolhida,
Entre sonhos phantasticos, diversos,
Esta luz d'alma outrora amanhecida
Que fez, morrendo, a noite dos meus versos.

Quando a tarde aparece comovida
E vejo os astros pelo azul dispersos,
Muitas lagrimas tristes, de fugida,
Vêm constelar meus olhos de Universos.

Eu vivo nêstes vales, nêstes montes
Que são, de longe, escuros horizontes;
Distancias d'onde sobe etérea prece.

Vivo cantando a dor misteriosa
Que amortalha em silencio cada cousa
E que meu frio rosto empalidece.

A DOR E O MEDO

QUANDO sósinho, noite morta, rezo
E a minha voz dos medos me defende
E a tudo, à terra e ao ceu, me sinto prêso,
Vejo que a dor é a força que me prende.

Enlouquecido de alma, canto e rezo.
Aflige-me o silencio. Quem no entende?
A sombra me sufoca. É negro peso;
E, em fumo, do meu corpo se desprende.

Ó noite morta, noite que apavora,
Golpeada de estrelas, a sorrir...
Desnorteado, o vento clama e chora!

E quem sou eu? quem sou, na noite escura?...
— O medo á eterna morte que ha de vir
E a dor de ser humana creatura.

AO CREPUSCULO

O' tristes labios meus, rezai, rezai!
É a hora, sim, do Enigma. Eis o momento
Da extrema unção da luz... E tudo vai
Com ela. E só nos fica o pensamento!

Pela flor que murchou no esquecimento;
Pela aza que se eleva e logo cai;
Pelo sol, pelas nuvens, pelo vento,
O' tristes labios meus, rezai, rezai!

Rezai por tudo quanto a morte leva,
Nas horas doloridas, em que a treva
Mostra seu negro vulto que arripia.

E sinto em mim um vago horror profundo,
Uma tristeza já de fim do mundo,
Como se nunca mais houvesse dia...

ESPECTRO

PERDIDO do meu sêr, vagueio á sorte,
Levado por um doido borborinho...
Eu sou, á luz do sol, como um ceguinho,
Ando de braço dado com a morte.

Não ha peso de cruz que eu não suporte!
Ah, como n'este mundo estou sósinho!
Vou atravez d'um livido caminho,
Lá vou para onde vae o vento nôrte.

O' alma esfarrapada, quasi nua,
Sem um amor ou sonho que te eleve...
Velhinha, com mais brancas do que a lua!

Nos teus labios ha chamas apagadas,
Sobre o teu seio ha pincaros de neve,
Sao lagrimas e lagrimas geladas.

UMA AVE E O POETA

I

SOBRE aquele pinheiro aureolado
De inerte e vegetal melancolia
Um passarinho alegre e alvoroçado
Cantou, cantou durante todo o dia.

Estive a ouvi-lo mudo e extasiado...
Mas, por fim, perguntei-lhe: Que alegria
Se fez em ti, ó corpo acostumado
Á cruz das tuas azas de agonia?

Dize: Que viste tu no ceu profundo?
Que foi que aconteceu sobre este mundo?
Grande coisa decerto adivinhaste.

Ou revelou-te a Luz o seu mistério?
E divina canção de amor etéreo,
Em procura do sol, alevantaste?

II

E a avesinha serena e confiada,
Num olhar de ternura me envolveu;
E em sua doce vòz iluminada
E tão cheia de graça respondeu:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada;
Vou a cantar... e canta à luz do ceu.
E das aves da noite a voz cerrada,
É penumbra que nelas se embebeu.

Sonho a perfeita e mistica alegria!
Desejo ser a alma da harmonia
Que toda a terra e todo o espaço inflama!

Quero ser o Infinito e a Eternidade;
Não ser a estrela e ser a claridade;
Ser apenas o Amor, não ser quem ama.

OS OLHOS DOS ANIMAES

QUE triste o olhar do cão! Até parece
Mais um queixume, um intimo lamento
Da noite interior que lhe escurece
O coração que é todo sentimento.

E os mansos bois soturnos! Que tormento
Em seus olhos tão calmos transparece...
E os olhos da ovelhinha e os do jumento!
Que tristes! Só o vê-los entristece.

Chora em todo o crepusculo a tristeza.
E alem do sêr humano, a Natureza
É lívida penumbra feita de ais.

Por isso, o vosso olhar de escuridão,
É mais lagrima ainda que visão,
Ó tristes e saudosos animaes!

UMA GOTA DE CHUVA

UMA gota de chuva que trespassa
Os telhados e o tecto, vae tombar
No meu escuro quarto, onde esvoaça
A sombra do silencio... E fico a olhar

A chuva triste e fria na vidraça,
E minha luz, ao vento, a desmaiar...
Vento que me abre a porta quando passa
E aviva as cinzas mortas do meu lar!

E que impressão me faz aquela magoa,
Aquele som de dor que exala a agua
Que nas nuvens andou liberta e viva;

E de repente, sem saber porquê,
Ela, a inocente e clara, assim se vê,
Na forma duma lagrima captiva.

UMA ARVORE E O SOL

ARVORE minha amiga, abençoada
Alminha vegetal, com que ternura
Abres o brando seio á luz sagrada
Que, como um vento mistico, murmura.

Logo te viste mãe; e para a Altura
Ergueste as mãos, alegre e alvoroçada.
E lembravas assim a Virgem Pura,
Ao sentir-se do Espirito pejada.

O teu corpo, todo êle era uma flor.
E emanações de ardente e casto amor,
O ceu azul doirado embriagavam.

Mas na alegria imensa que sentias,
Ó arvore feliz, sem sequer vias
A sombra que teus ramos projectavam.

OS MEUS OLHOS E UMA PEDRA

PORQUE é que vós, meus olhos, de repente,
Comovidos ficais a contemplar
Uma pedra qualquer, se toda a gente
Era incapaz de nela reparar?

Uma pedra céguinha, inconsciente,
Que nada vê; mas vosso claro olhar
Cobre-a de tal ternura, que ela sente
Como um calor de vida a despontar...

E uma oculta visão misteriosa
Transparece na pedra; e a luz radiosa,
Vê-a atravez dum vago nevoeiro...

Ah, foi decerto assim que a luz dos ceus,
A luz que vem do Sol e vem de Deus,
Ergueu da terra, um dia, o sêr primeiro!

DE MANHÃ

I

A'S vezes, quando acordo, fico a olhar
As paredes do quarto; e extasiado,
Nelas vejo, confusa, divagar
Erma sombra que vem no sol doirado,

Que atravez das friestas ao passar
E ao vêr-se pelas trevas assaltado,
Perde o sangue, desmaia e faz lembrar
Por uma lança um corpo trespassado!

E a sombra paira na parede nua,
Onde a cal branca evoca a luz da lua;
Luz que molda em penumbra um mundo ignoto...

E tu, creatura humana, és igualmente
Visivel projecção dum transcendente
E invisivel espirito remoto...

II

E aquela sombra, triste, me fitou
E disse-me: Não sabes com certeza
O corpo donde vènho e que gerou
Esta vida de nevoa e de incerteza...

Esse corpo infeliz, além, passou
E sofre sêde e fome; canta e rèza.
Meu sêr de sua carne se exalou
E dela trouxe escuridão, tristeza!

Mas o frouxo luar da tua alcova,
Lá fóra, é luz do sol, alegre e nova,
Que beijou esse corpo, a resplender.

E aquele brando beijo iluminado
E contacto tão leve e delicado,
Foi o bastante, sim, para eu nascer!

A UMA OVELHA

ENTRE as meigas ovelhas pobresinhas
Que eu guardo pelos montes, uma existe
Que anda longe, balindo, sempre triste,
E vive só das hervas mais sequinhas.

Que presentes na alma? que adivinhas?
Etérea voz de dor acaso ouviste?
Que foi que tu nas nuvens descobriste?
Não és irmã das outras ovelhinhas!

Sobes às altas fragas inclinadas,
E contemplas o sol que desfalece
E as primeiras estrelas acordadas...

E assim ficas a olhar o ceu profundo,
Faminta dessa relva que enverdece
Os outeiros e os vales do Outro Mundo.

DE NOITE

OLHA a chuva miudinha como cáe,
Lá fóra, num sussurro que entristece...
É tarde já; meus olhos, descançae.
Que bem nas noites frias se adormece!

E deito-me na cama, sim; mas, ai,
Minha vidraça, aos ventos, estremece!
Vozes da escuridão, falae, falae,
Que não pode dormir quem vos conhece!

Noite povoada de almas! Noite infinda...
Ó luz á cabeceira, bruxoleante,
Versos por encarnar, sem forma ainda.

Ó primeira canção no Azul sem fim!
Primeira luz, nas friestas, hesitante;
Mão que meus olhos vens fechar, emfim!

ADORMECER

MÃO que fechas meus olhos com amor,
Quando a primeira luz se vê luzir,
(Sorriso das friestas) e um rumor
De vida nova se começa a ouvir.

E meus olhos cançados vão dormir.
Em volta deles pairam, num fulgor,
As visões, os espectros e o sorrir
Esfingico da Sombra... O sonho e a dôr

De branda aureola os cercam. Dir-se-hia
O proprio olhar as palpebras passando,
Um mundo de misterio contemplando...

Mundo espectral de sonho e de harmonia,
Que em alturas longinquas se anuncia,
Chimericas paisagens revelando.

S. FRANCISCO DE ASSIS

S. Francisco de Assis falava outrora
Ás aves e ás ervinhas, triste e só...
Se tudo quanto vive, sofre e chora,
É a mesma alma eterna, o mesmo pó!

Por isso, ele sentia pena e dó
Por tudo quanto doira a luz da aurora,
E não bebeu no poço de Jacob
Aquela agua de vida redentora.

Irmã morte, irmão corpo, irmãs ervinhas!
Ó pedras! Ermas fontes pobresinhas!
Lobos, uivando á lua, em êrma serra!

Quanto vos amo em Deus! E sinto bem
Que esta terra que eu beijo é nossa mãe
E que a sombra de Deus anda na Terra!

FREI JOÃO BERNARDES

PELA serra de Sintra, onde murmura
    A agua, sob a verde ramaria,
(Na solidão, ausencia da creatura
Mas presença de Deus) ele vivia

E mais uma gazela. Companhia
Amoravel e doce! Com ternura,
Compunha versos misticos, e os lia
Ás flores, á gazela, á agua pura.

E nos olhos da sua companheira,
O Santo via a aurora, a luz primeira
Que o mandava resar ao Creador.

E nos olhos do Santo, ela avistava
A estrela vespertina que a mandava
Á gruta recolher, em paz e amor.

MARCO AURELIO

UM dia, Marco Aurelio a passear
Andava, em seu jardim; e meditava
No misterio da Vida; e o seu olhar
A esfinge do Universo interrogava...

E tão imerso em sonhos ele estava,
Que trilhou, por acaso, ao caminhar,
Um bicho que no solo rastejava,
Sem umas azas, ai, para voar!

E Marco triste e mudo ali ficou,
(Dizem que muito tempo) e meditou
Na morte que acabára de fazer;

Na falivel, chimerica bondade
Que mesmo em sua eterna claridade,
É tão céguinha e mata sem saber!

A SOMBRA DE EURÍDICE

I

CANÇÃO divina as cousas comovia
E de ternura as arvores choravam...
E lembrava o luar a luz do dia
E os ribeiros, extaticos, paravam.

Era Orfeu inspirado que descia
Ás entranhas da terra! E se afundavam
Os seus olhos na noite muda e fria,
Onde as palidas sombras vagueavam.

Eurídice, o seu morto e triste amor,
Ouvindo-o, tomou fórma e viva côr,
Intimo sol á face lhe subiu.

Mas, aí, Orfeu quiz vê-la! E qual neblina,
Que foge ao dar-lhe a brisa matutina,
Outra vez sombra, Eurídice fugiu...

II

AI dos que vêm as formas da Natura
  Com este olhar da carne; escuridão
Que tudo nos transtorna e desfigura;
Nem mostra o mundo e o céu como eles são!

Com este olhar que é noite, noite escura;
Apenas noite, dôr e confusão!
E nos faz vêr brutal e tôsca e dura
A sensivel e viva Creação!

Ó desgraçada luz que só revelas
A face tenebrosa das estrelas
E a pobre sombra humana entregue á sorte...

Candeia, onde é o azeite agua dorida,
Não nos mostras o mundo em alma e vida,
Mas em lívido corpo e negra morte!

BOUDHA

SEGUIA Boudha, um dia, o seu caminho,
Sob os raios do sol que o penetravam,
Quando avistou, deitado, um cão velhinho,
Com chagas, onde os vermes pululavam.

E dele se abeirou; e com carinho,
Limpou-lhe as chagas pôdres que cheiravam
Tão mal! livrando assim o pobresinho,
Mendigo cão, dos vermes que o matavam.

Mas, preocupado, continuou andando...
E lembrou-se dos vermes que, ficando
Sem nenhum alimento, iam morrer.

E voltou ao pé deles; e um pedaço
De carne ali cortára do seu braço
E abençoando-os, deu-lhes de comer.

A SOMBRA DE JESUS

ENTRE o sombrio e biblico arvoredo
Do Jardim, onde Christo repousava,
Num alvorar de sonho e de segredo,
Fez-se uma luz, e no ar se alevantava...

Miraculosa luz que iluminava
O ceu azul e a terra; e quasi a medo,
Por um milagre estanho, ela tomava
Divina e humana forma, entre o arvoredo.

Era Jesus. E logo Magdalena,
Nessa manhã genesica e serena,
Corre ao encontro dele, enlouquecida!

Quiz beijá-lo e abraçá-lo com fervor...
Mas Jesus era sonho, dor e amor,
Era vida sem corpo, era só Vida!

A SOMBRA DE PAN

QUANDO de todo se extinguir a Vida;
Quando as aguas gelarem, e este mundo
Rolar na imensidade escurecida,
Como um deserto funebre e infecundo;

Quando a luz, avezinha mal ferida,
Exanime cair no ceu profundo...
E os corpos se fundirem na dorida,
Eterna Essencia que animára o mundo;

Quando sómente o Espirito inundar,
Como invisivel nuvem, todo o ar,
Onde murchou a estrela da manhã;

Sonhando um novo Genesis glorioso,
Surgirá no Infinito tenebroso,
A sombra enorme e tragica de Pan!

MEU CORAÇÃO

NA terra, uma semente pequenina
Abre, ao sol, em sorrisos de verdura.
E o rubro raio aceso quc fulmina,
Rasga o seio da nuvem que é ternura.

Ao longo de êrma e palida colina,
Um doce fio de agua anda à procura
De alguma rosa angelica e divina,
Abandonada e morta de secura.

Meu forte coração tambem nasceu
Para crear cantando um novo ceu...
Ninguem lhe entende a mystica harmonia!

Lembra remota estrela desmaiada
Que mal se vê na abobada azulada,
Mas para um outro mundo, é grande dia.

COMTIGO

QUANDO meu coração parar desfeito
Em sombra, na profunda sepultura,
E o meu ser, já phantastico e perfeito,
Vaguear entre o infinito e a terra dura;

Quando eu sentir, emfim, todo o meu peito
A transformar-se em constelada Altura;
Eu, divino phantasma, o claro eleito,
O enviado da Vida à Morte escura;

Quando eu fôr para mim minha esperança,
Meu proprio amor jamais anoitecido,
E minha sombra apenas fôr lembrança;

Quando eu fôr um espectro de saudade,
D'entre a nevoa e o luar, amanhecido,
Serei comtigo, Amor, na Eternidade.

HORA FINAL

AHI vem a noite... Sente-se crescer...
E um silencio de estrelas aparece.
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece
E se cobre de cinzas, no meu ser?

Alma que se desprende numa prece...
Que suave e divino entardecer!
Como seria bom assim morrer...
Morrer, como a paizagem desfalece.

Morrer quasi a sorrir, devagarinho...
Ser ainda do mundo pobresinho
E já pairar, sonhando, alem dos ceus.

Morrer, cair nos braços da ternura;
Morrer, fugir, emfim, à morte escura,
Sêrmos, emfim, na eterna paz de Deus!

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS VINTE
DE FEVEREIRO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE E
CINCO, NAS OFICINAS
GRAFICAS DA BIBLIOTECA
NACIONAL